
Joyce e o Quatro Império

MD Magno

Transcrição da seção 07 dos *SóPapos 2018*,
realizada em 07 abril na UniverCidadeDeDeus,
sede da NovaMente.

10

10. Joyce, sintoma de Lacan – *Ulysses* descreve o término do Terceiro Império – *Finnegans* descreve o Quarto Império como fórmula – O *Sim* (de Molly Bloom) é o Quarto Império – A noção de *Antropofagia* (Oswald) é uma *postura* de arte – *Macunaíma* é a construção do modelo que descreve o que é o brasileiro.

Suponho que alguns de vocês já tenham lido o *Seminário*, livro XXIII, *Le Sinthome* (1975-6), de Jacques Lacan. Um seminário muito doido, aliás. Traz algumas questões topológicas, com as quais ele devia estar se divertindo – pois não servem para nada no livro. Ou seja, mediante seu protocolo, ele deu esse jeito de conseguir reduzir Joyce à estrutura do sintoma. É o sintoma *de* Lacan.

Entendo de duas maneiras diferentes o porquê de ele fazer isso. Uma, é que talvez quisesse demonstrar como é a estrutura do sintoma. Outra, é que quisesse reduzir todo o percurso de Joyce, sobretudo após *Finnegans Wake*, a uma estrutura de sintoma. Isto poderia lhe servir para demonstrar que vale para qualquer um de nós. Ou seja, como ele diz: “ama teu sintoma como a ti mesmo” – você jamais conseguirá escapar de seu sintoma. Aliás, de preferência, fazemos análise para descrevê-lo bem – para “bem dizê-lo”, como também dizia Lacan –, inclusive no mundo: colocá-lo no mundo com significação, em vez de ficar sofrendo dele. Você investe seu sintoma no banco, não o deixa guardado em casa desvalorizando. Puxo esse assunto por ser a aplicação do protocolo de Lacan, do qual nada há reclamar, está tudo certo. Infelizmente, há muito tempo, não é mais o meu. Como sabem, não há sujeito, objeto, essas coisas, em meu aparelho.

Joyce me deixa invocado desde quando eu era jovem. Muitos dos que se aproximaram, sobretudo ultimamente, de Lacan foram dele para Joyce, Mallarmé, Lewis Carroll... Meu percurso foi o contrário, pois foram eles – mais Guimarães Rosa, um pouco de topologia... – que me levaram a Lacan. Nele, vi todos juntos. Isto faz diferença, pois, assim, não se fica subdito à ideia psicanalítica, não se fica fanático (há

algum tempo, o lacanismo já virou um fanatismo). E no que aplico meu aparelho ao percurso de Joyce, a leitura é completamente diferente. Era natural – isto é, quase que espontâneo – Lacan fazer como fez durante todo seu percurso e ver, às vezes (na análise de alguém, em algum raciocínio), a psicose como polo de redução. Ele chamava de psicose paranoica. Notem que, nos textos desse seminário sobre *le sinthome*, ele está sempre preocupado com onde enfiar o Nome do Pai, que, para ele, quando falta, é o responsável pela psicose. Ele não diz explicitamente, mas sugere a psicose de Joyce. Só porque a filha deste foi parar no hospício? Não concordo com isto.

Joyce, sobretudo depois de *Finnegans*, foi abominado por questões morais. Foi chamado de devasso, disso, daquilo. Acho mesmo que, comparado com o que seja de fato devassidão, ele era muito pouco. Cito duas frases de Nietzsche que suportam o comportamento de Joyce: “O mundo efetivo é uma ilusão de ótica e de ética” e “A moral é uma idiossincrasia de degenerados, que provocou danos incontáveis”. São perfeitas, pois ninguém precisa de moral para nada. Precisa, sim, de contratos, de tratos. Para minha idade, seria pesado agora fazer um seminário sobre Joyce, mas quero tomar alguns pontos. Joyce nasce em 1882 e

morre em 1941, aos 59 anos, pouco depois de Freud. Ele escreve *Dubliners* (1914), *Retrato do artista quando jovem* (1916), etc., leva quase dez anos para produzir *Ulysses* (publicado em 1922) e mais dezessete para o *Finnegans* (publicado em 1939). Ele não tinha preguiça ou pressa, devia saber o que fazia. Dezessete anos *in progress*, como os dezessete anos quase que concomitantes com a decadência de Freud, de seu câncer. Coincidências estranhas. Fiquei com a impressão de que ambos estavam esperando por meu nascimento para encerrarem a questão, para concluírem que estava, enfim, entregue... (Eis uma paranoia bonita).

Por minha leitura e pela aplicação de meu aparelho, faço a suposição de que *Ulysses*, após algumas tentativas – melancólicas, é o caso de dizer... (Vejam a visão dele ainda jovem considerando as coisas: o último conto de *Dubliners* se intitula *The Dead*, que é singular e plural – mas os mortos eram as pessoas). *Ulysses*, um livro difícil, mas compreensível, segundo certos autores, tem o percurso copiado do Ulisses da mitologia grega. Alguns querem provar que o percurso é ponto a ponto. Não sei se devo concordar com isto, mas, se for verdade, é até legal, pois é como se Joyce estivesse tentando encerrar um ciclo em busca de outro: em algum ponto a coisa é circular, retorna. Podemos falar em

ciclo porque ele era fã e seguidor do pensamento cíclico de Giambattista Vico, autor de *Scienza Nuova* (1725). Talvez tivesse mesmo que buscar na *Odisseia* o percurso de Ulisses para descrever o acontecimento de um dia (16 de junho de 1904), o périplo de Leopold Bloom. Por que será, aliás, que isso pegou a ponto de 16 de junho ser comemorado como *Bloomsday*?

O personagem e o percurso do romance são muito descritivos – esta é minha suposição – da decadência do Terceiro Império. Ou seja, *Ulysses* é uma visão tipo Vico do término do Terceiro Império. Importante é que o texto termina com o monólogo de Molly Bloom, com ela gozando: “...I put my arms around him yes and drew him down to me so he could feel my breasts all perfume yes and his heart was going like mad and yes I said yes I will Yes”. É o “yes, yes...” que se ouve nos filmes pornográficos. Mas Molly gozando não é a decadência do Terceiro Império, e sim a chamada para o que vem depois. O pessoal, na época, não suportou o livro porque faz todo o desempenho de decadência do Terceiro Império – de império cristão, etc. – para, no fim, perguntar: E agora? Agora, passemos adiante. Então, é o gozo feminino que é o caso, é o *sim*. As mulheres são

invejadas por gozarem demais. Os homens são uns fracotes, na segunda já estão morrendo. O que vem depois? É o *Sim!*

O *Sim* é o Quarto Império – que está descrito no *Finnegans*. Não está descrito como Império, e sim, digamos, como fórmula. (Em minha casa havia uns cupins eruditos que escolheram para comer todos os volumes de Joyce, a edição inglesa de *Finnegans* com minhas anotações, os cinco volumes da tradução brasileira...) A palavra *Finnegans* em latim, pelo menos em parte, é *Fim*. É, então, o retorno do Fim – *Finnegans Wake* – e a formulação do Quarto Império. Olhem o que está acontecendo no mundo, deem uma olhada no *Finnegans*, e verão a Zorra Total: a afirmação total de qualquer coisa, de qualquer ordem. Está tudo lá. Por isso, não considero que Joyce seja uma apropriação psicótica. É uma apropriação *Progressiva*. Lacan puxou Joyce para sua brasa. Puxo-o para a minha. O interessante é a data. O *Finnegans*, como disse, foi publicado em 1939 – é muito cedo para alguém já ter uma visão do Quarto Império, baseado na dissolução que vê do Terceiro. Há que lembrar de que Joyce demorou dezessete anos fazendo, que jogou a primeira versão no lixo antes de inventar o *Finnegans* que conhecemos. Ele é uma antena terrível.

Como sabem, foi do *Finnegans* que retirei a palavra *Revirão*. A última linha do livro é: “A way a lone a last a loved along the”, e a primeira: “riverrun, past Eve and Adam’s, (...)”, um fim que retorna. Falei com Glauber Rocha, na época, sobre seu livro mais louco, *Riverão Sussuarana* (1977), em que ele teria copiado mais ou menos a sonoridade de Joyce. Disse-lhe que o nome certo era *Revirão*... O *Finnegans* é, então, a emergência e a formulação do Quarto Império. Trouxe estas considerações como encaminhamento de leitura e maior desenvolvimento. Querem dizer algo sobre isso?

• P – O conto *The Dead* termina com um verdadeiro monólogo: “...His soul swooned slowly as he heard the snow falling faintly through the universe and faintly falling, like the descent of their last end, upon all the living and the dead”. É a narração sobre um marido insone pensando no que, antes de dormir, sua mulher lhe dissera a respeito da súbita lembrança – uma virada lá pela metade do conto – de um rapaz que se deixara morrer de amor por ela aos dezoito anos de idade. Ele, o marido, jamais imaginara que ela pudesse ter um sentimento daquela intensidade, e tampouco que fosse tão pobre a parte que ele, marido, desempenhara na vida dela.

Esse texto final deve ser o prenúncio da Molly. Joyce passou toda sua vida com os mesmos problemas, com sua mulher esquisita, quase cego...

• P – *Joyce fez análise com Jung. Seu medo era ser psicótico porque sua filha era. Jung lhe disse: “Enquanto ela afunda, você nada”.*

Esta é uma interpretação preciosa. Aquilo nele não é psicose. Ele é que não sabia como lidar com o troço que lhe caiu na cabeça e foi construindo, construindo – e talvez não haja, em sua época, outro autor com essa visão de Quarto Império. Beckett, Svevo e alguns outros consideraram o Quarto Império, mas sem potência de mostrar sua fórmula. Duchamp, para mim, também é alguém de endereçamento de Quarto Império... Mas, pelo percurso do Terceiro Império morrendo, e jogando para a frente uma afirmação do-que-quer-que – pois é isto que o Quarto Império terá que atravessar (e sequer está conseguindo chegar ao começo) –, Joyce traz sua formulação. Então, como pode haver uma afirmação do-que-quer-que e, ao mesmo tempo, uma organização dos conflitos? Eis algo muito difícil. O Quarto Império é partido entre estas duas posições, tem uma força para cá e outra para lá. Por enquanto, vence a que puxa para

cá. Certamente, aparecerá uma tecnologia que dará uma porrada geral... Para mim, Joyce entendeu a formulação, meteu tudo em termos de *Sim* no mesmo saco ao mesmo tempo. Como está na música dos Titãs: “Tudo ao mesmo tempo aqui e agora”. Ou seja, algumas pessoas sentem o processo bem cedo. Por isso, acho Joyce muito precoce. Se começou a escrever dezessete anos antes de 1939, em 1922, logo depois de *Ulysses*, aquilo passa de um ao outro livro pela Molly. Molly é a passagem.

Pode-se traduzir o *Finnegans Wake* como *Despertar de Finnegans*, como *Finnicius Revém*, como *Retorno de Finnegans*... Prefiro *Retorno* por Joyce pensar com Vico. *Corso/Ricorso*, *Revirão*, *NovaMente*... são do mesmo saco, da mesma farinha. O *Riverão*, de Glauber, também (aliás, muitos não o entendem devido à sua visão doida e apocalíptica).

- P – *Retomo seus conceitos de Criação e criatividade, e de outros autores que pensaram nessa linha (Ezra Pound, por exemplo, que distingue entre inventores e diluidores). Pergunto: em termos de literatura brasileira – principalmente de Gregorio de Matos para cá, passando pelos românticos, pelos realistas, pelos chamados pré-*

modernos –, teríamos efetivamente um caso de Criação? Em certo momento, pensei que Machado de Assis fosse um caso. Hoje, não tenho certeza.

Como sabem, coloco a *Criação* na ordem do *Evento* – e evento é singular. Suponho que não tenhamos tido um evento literário nosso. Temos produção literária da melhor categoria, mas não evento literário. Para mim, Machado é um tesão histórico-literário: escreve muito bem o já escrito. Aliás, acho José de Alencar superior a ele. Será que malucos como Sousândrade e Qorpo-Santo estariam na *Criação*? O que temos é a noção de *Antropofagia*, de Oswald. Esta é uma eventualidade nossa. (Também sou antropófago: fui lá comer o Lacan...) Ou seja, foi inventada uma *postura* de arte, de alguém que come de tudo e caga numa merda só. É como dizia Gilberto Freyre: “Tiro leite de muitas vacas, mas o queijo é meu”. Toda vez que se consegue, de fato, ser antropófago e brota algo, este algo não há em outro lugar. O processo não é criativo de saída, quando se vai às vacas, e sim quando se faz o queijo. Quanto a isto, não se deve nada a ninguém. A Semana de Arte Moderna, de 1922, foi o que salvou a arte brasileira. E nos esquecemos de que temos um teorema inteiramente regulado e expressado: *Macunaíma* (1928). Pode-se jogar fora o resto da produção de Mario, pois

Macunaíma sobrenada. Ele tomou o caos da produção do Brasil e fez apenas um personagem que revira para qualquer lado. É fagocitante, é a construção de nosso modelo, aquele que descreve o que somos. É a nossa fotografia, a fotografia desta joça. É um modelo propício para o Quarto Império por ser maneirista, e aqui no Brasil tudo é essencialmente maneirista – até a Justiça. Basta ver o ex-Presidente, ontem, se recusando a cumprir o mandado de prisão, dizendo que só irá para a cadeia amanhã [domingo]... São uma trama e um jogo bem nossos.

• P – *Macunaíma é uma peça de Mario de Andrade, que, segundo ele, foi escrita em uma semana. Ele tomou integralmente de um texto de Koch-Grünberg o personagem, que é venezuelano, no qual faz as mutações de mitos, de língua. Então, na vertente da Fanfiction, sobre a qual você já falou aqui, se pensamos que toda literatura é fanfiction – Cervantes, Shakespeare, Homero, textos bíblicos... –, onde estaria a ordem do Evento de que Joyce seria um caso?*

Segundo meu princípio – que, como sabem, não é Real, Simbólico e Imaginário –, há que situar o evento na borromeaneidade, se quiserem, de Primário, Secundário e

Originário. Se procurarmos o evento literário apenas no Secundário, não o acharemos. *Macunaíma*, para mim, é um evento total. Dentro de uma ordem de nacionalidade, etc., pegou no mundo, como todos fazem, mas eventualizou como Caso. Então, se não for especificamente um evento literário, é um caso. Não é um evento da literatura, é um caso. É difícil dizer que Joyce não seja um evento literário – embora se possa questionar, pois lá sabemos onde ele foi buscar aquilo? *Macunaíma* é um evento que não é literário, é um evento como um caso total (Primário, Secundário e Originário). Quando alguém faz um evento estritamente literário, o evento literário é estritamente secundário. E para considerarmos que é um evento do Secundário, ele terá que ser predominantemente do Secundário. Se entramos na estrutura total, há eventos históricos. *Macunaíma* pode ser um evento da sintomática brasileira. Ou seja, a sintomática brasileira tornou-se expressa numa produção de arte que marcou o ponto. Se é um evento literário, não interessa. O próprio Mario disse que não é, que suas fontes estavam aqui e ali. O pessoal tem dificuldade de entendimento por pensar que cada brasileiro seja aquilo. Não é. Aquilo é a multidão brasileira, vários aspectos. Quando *Macunaíma* passa daqui

para ali, ele está mudando de *gente*. O brasileiro é composto disso.

- P – *Haroldo de Campos elogia Memórias Sentimentais de João Miramar, de Oswald de Andrade, mas diz que Macunaíma o superou em excelência.*

Haroldo e o irmão são apaixonados pelo Secundário, querem transformações produzidas pelo Secundário. *Miramar* é muito literário, machadiano. *Macunaíma* não é algo do Secundário, ele tem carne, fede, é quase uma Pessoa... Ele renasce estraçalhado, o que prova que isso está espalhado por aí. Ele vira constelação.

Guimarães Rosa levou dez anos montando o *Grande Sertão*. Um dia, foi para a casa de sua amante – a filha dela que lá estava é que me contou –, ficou uma semana trancado num quarto e redigiu o livro. A digestão é longa, mas despeja-se rápido. Modestamente comparando com o que aconteceu com minha tese de doutorado, lembro-me de que levei sete anos lendo *Primeiras Estórias* sem entender, só anotando. De repente, saquei e redigi rapidamente. A gestação é que é longa. O mesmo me aconteceu com o quadro *As Meninas*, de Velázquez. Impliquei com o texto de Foucault sobre ele, não

gostei, e fiquei debruçado com régua e compasso durante três anos até achar e apresentar em meu Seminário de 1981.

- P – *O sintoma do Brasil está calcado na ideia de família?*

É o Terceiro Império, que não é necessariamente regido pelas articulações sociais, e sim pela ideia de Paternidade. É o império do Filho, da fraternidade, a qual pode ser buscada onde quisermos. Até no lixo que foi a Revolução Francesa. Vejam que o Segundo Império ainda está aí. Quando falo da passagem dos Impérios, trata-se da passagem de ponta, pois o resto está infectado pela sintomática dos impérios anteriores. Eles estão aí até hoje. Tanto é que podemos ter a questão terrível do retrocesso.